

No Dia do Grafite,
Canal Brasil celebra
Eduardo Kobra



PÁGINAS 4 E 5

Chico César, uma
voz que se ergue
contra as elites



PÁGINA 7

Festival de Curitiba
consagra Débora
Falabella



PÁGINA 8

2º CADERNO

Mariana Vianna/Divulgação



Rosane Svartman dá instruções a Suzana Pires e Marieta Severo no set de filmagens de 'Câncer com Ascendente em Virgem'

Simplemente ROSANE

Estreia de 'Câncer Com Ascendente Em Virgem' amplia a visibilidade da filmografia de sua cineasta, campeã de audiência na TV como autora de fenômenos da faixa das sete da Globo

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Ímã de sucesso na TV desde 2014, quando revitalizou o formato "Malhação" numa mistura de "Glee" com MMA (ao lado do habitual parceiro de escrita, Paulo Halm), Rosane Svartman tem poder para dar ao cinema brasileiro um novo (e necessário) êxito de bilheteria a partir deste fim de

semana: "Câncer Com Ascendente Em Virgem". É uma espécie de "Rocky Balboa" da luta contra um tumor maligno. Sua narrativa acridoce demarca a (vasta) potência dramática da atriz Suzana Pires, com direito ainda a uma atuação nota 10 de Marieta Severo.

Passeou pelo Festival do Rio e pela Mostra de São Paulo e aterrissa agora no circuito a fim de manter em alta os números de pagantes das produções de DNA nacional. Com fôlego para entupir salas de exibição, a trama é baseada na

peleja inspiradora da produtora do longa-metragem, Clélia Bessa, para derrotar uma ameaça à sua saúde, hoje curada. Durante o tratamento que a livrou de células cancerosas, em 2008, Clélia lançou um blog que se notabilizou por seu tom de desabafo, chamado "Estou com Câncer, e Daí?". Esse material rendeu um livro homônimo via editora Cobogó. O lançamento editorial joga faróis sobre a estreia cinematográfica que amplia a visibilidade da obra de Rosane como diretora. **Continua na página seguinte**

Divulgação



O dom de contar a resiliência feminina com delicadeza

A delicadeza da realizadora em pensar a resiliência feminina – galvanizada por uma sucessão de trabalhos como autora de novelas na TV Globo – dá o tom de “Câncer Com Ascendente Em Virgem”. O roteiro, feito à seis mãos, é assinado pela própria Suzana Pires, em parceria com Martha Mendonça e Pedro Reinato.

No enredo, Clara (Pires) é uma professora de matemática badalada na web por seu trabalho como influencer educacional em seu canal na internet. De bem com a vida, ela gosta de manter tudo sob controle, mas vai precisar aprender a lidar com a vulnerabilidade e o imprevisível quando se descobre doente. Encara uma quimioterapia, enfrenta perdas súbitas e bate de frente com o medo. Cada etapa do caminho é um novo aprendiza-



Em ‘Câncer com Ascendente em Virgem’, uma professora precisa aprender a lidar com as vulnerabilidades diante de um diagnóstico de câncer

do. No processo, Rosane também adquiriu novos saberes acerca da maneira de representar relações afetivas em abismos. Rodou até outro longa depois dele, ainda inédito: “(Des)Controle”, com Carolina Dieckmann, Ireve Ravache e Da-

niel Filho.

Responsável por um dos maiores fenômenos da teledramaturgia brasileira nesta década (o folhetim das sete da TV Globo “Vai na Fé”), Rosane ocupa streamings em diferentes vias. De certa forma, o tema



Na Amazon Prime, é possível comprar ou alugar “Tainá, A Origem” (2013)

da luta pela vida, em foco em “Câncer Com Ascendente Em Virgem”, já era notável em seu longa anterior, “Pluft, o Fantasminha”, de 2022. O assunto ali era tratado pelas vias lúdicas da fantasia, inspirada por um marco homônimo do teatro infan-

tojuvenil, assinado por Maria Clara Machado (1921-2001). É possível vê-lo hoje no Globoplay e na Prime Video.

Na Netflix, encontra-se uma joiazinha dirigida por Rosane sobre as agruras do verbo adolescer: “Desenrola” (2010). Nele, Olívia Torres interpreta Priscila, estudante que aproveita a ausência dos pais para eliminar caretes de sua vida. Perder a virgindade é uma de suas angústias, ainda que esse processo exija um baita amadurecimento sentimental.

Na Amazon Prime, é possível comprar ou alugar “Tainá, A Origem” (2013), com Wiranu Tembê no papel central. É um episódio extra da franquia ecológica que movimentou nosso cinema nos anos 1990 e 2000, a partir de uma heroína indígena, em meio aos encantos da Amazônia.

No YouTube e na AppleTV há como encontrar o debut de Rosane nos longas: “Como Ser Solteiro” (1998). Na produção, um malandro carioca cheio de suingue (Heitor Martinez) ensina um jornalista inseguro como só os meninos de óculos são (papel de Ernesto Piccolo) como arrancar sorrisos de ninfas. Até Pedro Bial faz participação no elenco.

No Porta Curtas, encontra-se Rosane em pílulas. Lá tem “O Cabeça de Copacabana” (2010), uma comédia de 16 minutos com Hugo Carvana (1937-2014) em estado de graça. Por ali se vê ainda “Suspiros Republicanos ao Crepúsculo de um Império Tropical” (2002), rodado em duo com José Lavigne, com o mítico dramaturgo e diretor Domingos Oliveira (1935-2019) na trupe.

Quem quiser ver as novelas das sete de Rosane e Paulo Halm encontra “Bom Sucesso” (2019) e “Totalmente Demais” (2015) no Globoplay. A dupla edificou ricas crônicas de costume.

O que falta é o cinema deste país abrir uma telona para exibir um dos melhores filmes da realizadora: uma brincadeira à la “Harry & Sally” chamada “Mais Uma Vez Amor”, que sopra 20 velinhas de aniversário em 2025. Merecia uma sessão com debate lá no Estação Botafogo.

Haneke no fio da navalha

Exibição de 'A Professora de Piano' em Botafogo, nesta sexta, atrai holofotes para a obra do oscarizado diretor austríaco, de 83 anos, afastado das telas, mas onipresente no streaming

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Teste para nervos vulneráveis a condições anormais de temperatura e pressão afetivas, "A Professora de Piano" ("La Pianiste") foi um dos achados do Festival de Cannes de 2001 e volta ao circuito exibidor neste fim de semana, com projeção às 23h59, no Estação NET Botafogo. A sessão integra a seleção semanal de cults à meia-noite da tradicional sala da R. Voluntários da Pátria. Há 24 anos, a Croisette contemplou esse longa-metragem com uma dupla láurea de Melhor Interpretação, dado à diva Isabelle Huppert e a Benoît Magimel. Coube ainda o Grande Prêmio do Júri cannoise para seu diretor, o austríaco Michael Haneke, hoje aposentado (ao que parece), aos 83 anos.

A chance de rever a essa produção na telona alerta para a ausência de novos títulos desse aclamado



Divulgação

Um dos achados do Festival de Cannes de 2001, 'A Professora de Piano', de Michael Haneke, ganha sessão neste fim de semana no Estação Net Botafogo

Divulgação



Michael Haneke dirige Fantine Harduin e Jean-Louis Trintignant em 'Happy End'

cinesta, agraciado duas vezes com a Palma de Ouro, por "A Fita Branca", em 2009, e por "Amor", em 2012 – que lhe valeu ainda um Oscar. Desde 2017, ele não lança nada, sendo evocado mais por exposições especiais e pelas plataformas digitais. Há uma nova leva de produções dele no streaming brasileiro.

No Cindie.Com, há como assistir boas expressões autorais dele, como "Violência Gratuita" (1997)

e "O Tempo do Lobo" (2003). Já no Reserva Imovision, rolam "71 Fragmentos de uma Cronologia do Acaso" (1994), "Código Desconhecido" (2000) e "Caché" (2005). Suas duas Palmas podem ser encontradas na Amazon Prime, onde também se aluga seu último filme (até agora): "Happy End". Essa produção de US\$ 13 milhões estreou em outubro de 2017 na França e vendeu cerca de 50 mil ingressos

ros no Velho Mundo. Já no início, o cineasta monta uma sequência sombria: uma menina filma num i-Phone um jogo cruel com um hamster alimentado com comprimidos de dormir. É uma metáfora para a opressão dos pobres. E essa tensão se processa em meio ao casamento da personagem de Isabelle com um empresário inglês, vivido por Toby Jones.

"Falamos muito de que eu carrego uma mirada pessimista. Não concordo com a ideia de que eu seja descrente na humanidade, mas existe um olhar de total ingenuidade em relação às tensões econômicas à nossa volta. Pessoas são tratadas como coisas e como negócios. A pobreza gera ódio sob a total inadimplência do Estado em relação aos afetos alheios", disse Haneke em Cannes. "Famílias como o clã Laurent estão por aí ao nosso lado exercendo controles. O suspense que eu gero ao falar deles se baseia na observação".

É possível ver "Happy End" na Apple TV também. "Temos informação demais no mundo contemporâneo, com muitas perspectivas e opiniões diversas que parecem postulados de verdade e isso nubla nosso senso do Real. Este filme é um esforço de estudar as sequelas do excesso", disse Haneke, quando o longa entrou em cartaz em Paris.

Acerca de "A Professora de Piano", que vai agitar o Estação nesta sexta, o longa também está no Reserva Imovision. Apesar disso, a chance de vê-lo em um cinema é preciosa. Na trama, a rígida Erika (Isabelle Huppert) ensina piano no Conservatório de Viena. Solteirona, ela compartilha a mesma cama com sua mãe possessiva (papel de Annie Girardot), num amor filial-maternal que rapidamente se transforma em violência. Às vezes, Erika foge para assistir a filmes pornográficos ou satisfazer seus desejos voyeurísticos. Sempre que precisa tocar em seu sexo, ela o faz para se mutilar, sem dó. Rejeita todo sentimentalismo até o dia em que um jovem, Walter Klemmer (interpretado por Benît) mexe com seus instintos e bagunça suas certezas. Ai é Haneke na veia... no fio da navalha.

já na largada, com um número pequeno de cópias.

Trata-se de uma cartografia das patologias europeias tem foco numa aristocrática família francesa. Jean-Louis Trintignant (de cults como "Z") brilhou no papel de Georges, o patriarca do clã dos Laurent, que tem (a já citada) Isabelle Huppert e Mathieu Kassovitz entre os parentes.

"Michael é tão rígido que, numa cena de 'Amor', em que contracenou com um pombo, tive a sensação de que ele pretendia dirigir o pássaro", disse Trintignant ao Correio da Manhã, em Cannes, quando "Happy End" disputou a Palma dourada.

Numa direção cirúrgica, pausada por um clima de tensão econômica crescente, Haneke cria em "Happy End" a crônica da atomização da burguesia no Velho Mundo, a partir da erosão afetiva e financeira dos Laurent, entre tragédias e processos judiciais, ligados à presença ilegal de estrangei-



Ethias, o maior mural do mundo, criado para os Jogos Olímpicos Rio 2016

Divulgação

As cores do mundo, POR KOBRA

Por Affonso Nunes

Com murais espalhadas por mais de 30 países, Eduardo Kobra é um dos artistas de rua mais reconhecidos no mundo. Nesta quinta-feira (27) em que se comemora o Dia Internacional do Grafite, o Canal Brasil exibe, às 21h30, o documentário “Kobra Auto Retrato”, dirigido por Lina Chamie.

A produção apresenta um olhar íntimo sobre a trajetória do artista visual paulistano desde sua infância até sua consagração mundial.

Canal Brasil exibe nesta quinta o doc. ‘Kobra Auto Retrato’, de Lina Chamie, que revisita a história de um dos artistas de rua mais famosos do mundo



Eduardo Kobra diante de uma de suas criações



Cacau, São Paulo



Mural san Marino (Itália)



Divulgação

Muro das Memórias, São Paulo



Divulgação

Olhares da Paz, São Paulo

Criado em Campo Limpo, bairro periférico de São Paulo, Kobra relembra momentos marcantes de sua história em relatos diretos para a câmera. Ele enfrentou dificuldades desde cedo, foi expulso da escola e da casa dos pais na adolescência e passou por um período de depressão. No entanto, sua vocação artística o impulsionou profissionalmente.

Atualmente, Kobra é o detentor de dois recordes mundiais de maior mural grafitado: “Etnias”, de 2,5 mil metros quadrados, no Porto Maravilha, criado para as Olimpíadas de 2016, e “Cacau”, de 5,7 mil metros quadrados, localizado às margens da Rodovia Castello Branco, em Itapevi (SP). Sua primeira obra internacional foi “Muros da Memória”, em Lyon, França, em 2011. Desde então, já deixou sua marca em países como Espanha, Itália, Noruega, Inglaterra, Malauí, Índia, Japão, Emirados Árabes Unidos e Estados Unidos.

“Há muito tempo venho colocando essa mensagem no meu trabalho. Acho que o principal é o respeito às tradições, às diferenças de religião e à diversidade cultural. Ninguém é obrigado a ter o conhecimento que você tem, usar a roupa que você usa ou seguir a religião que você segue. Acho que respeitar o universo do próximo pode tornar o mundo um lugar melhor”, disse Kobra em entrevista ao portal Versatile em maio de 2021, ao comentar sobre o tema norteador de suas criações.

O grafite é uma manifestação artística urbana surgida na década de 1970, em Nova York (EUA), como forma de expressão visual nas ruas. Inicialmente associado à cultura hip-hop, tornou-se um meio poderoso de comunicação, abordando temas sociais, políticos e culturais. Diferente da pichação, que muitas vezes é vista como vandalismo, o grafite é reconhecido como arte e valorizado em espaços públicos e privados.

Lançado em 2022, o documentário de Lina Chamie conquistou prêmios como Melhor Longa-Metragem Documentário no Prêmio Grande Otelo (2023), Melhor Filme pelo voto popular no Brazilian Film Festival de Chicago (2023) e Menção Honrosa do Júri no 14º FESTin Lisboa (2023).



Dali, Murcia (Espanha)



Monalisa, São Paulo



Anne Frank, Amsterdã (Holanda)



The Braves of 9/11, Nova York (EUA)



Mural Nações Unidas, Nova York (EUA)



Monte Rushmore, Nova York (EUA)

CORREIO CULTURAL

Divulgação Netflix



'Adolescência' aborda o bullying e é sucesso global

Série bate recorde na Netflix com 66 milhões de espectadores

O drama ficcional "Adolescência", da Netflix, estreou há duas semanas e vem emplacando recordes de audiência na plataforma. A história sobre bullying e assassinato que tem como suspeito um garoto de 13 anos acumulou mais de 66 milhões de espectadores desde o dia 13 de março, data de lançamento, até esta segunda-feira (23).

Música no Museu

O projeto Música no Museu promove nesta quinta (27) dois concertos gratuitos. No Museu da Justiça, às 12h30, tem o quarteto Teclas Sonoras; e no Palácio Tiradentes, às 17h, os grupos vocais Oficina de Cantoria + 60, Coral do Cepel e Molho Inglês.

Leilão Rock

A Play For a Cause promove o leilão Lendas da Música com itens raros autografados por grandes nomes do rock, pop e metal. O evento acontece até 1º de abril na plataforma da organização no link www.playforacause.com.br.

Nos primeiros quatro dias, o número de plays já passava de 24 milhões.

A trama acompanha Jamie Miller (Owen Cooper), acusado matar uma colega de turma a facadas. A série trata sobre a proliferação de conteúdos misóginos nas redes sociais e o contato de homens jovens com os conteúdos.

Musicalização

Em seus 30 anos, a Ação Social pela Música do Brasil - projeto que ensina música clássica para crianças e jovens em situação de vulnerabilidade irá inaugurar um novo polo de musicalização, dia 10 de abril, na comunidade da Rocinha.

Leilão Rock II

Entre os destaques, estão um LP de "Dangerous" (1991), de Michael Jackson, com a assinatura do artista e lance inicial de R\$ 20.775,00; e um violão assinado pelos integrantes do Led Zeppelin, com lance inicial de R\$ 27.700,00.

Cantando o bardo da democracia

Divulgação

Bruna Caram celebra, com afeto e luta, o cancionário de Gonzaguinha

Por Affonso Nunes

A cantora e compositora Bruna Caram deixa seu trabalho autoral de lado e há três anos segue rodando o Brasil desde com o espetáculo "Afeto e Luta - Bruna Caram canta Gonzaguinha", um mergulho na obra atemporal de Luiz Gonzaga Jr. (1945-1991). Com roteiro e pesquisa de repertório assinados por Jean Wyllys, direção musical e arranjos de Norberto Vinhas e preparação vocal de Nanan Gonzaga - cantora, musicista e filha de Gonzaguinha -, o show resgata clássicos e lados B do compositor, envoltos em novos arranjos que passeiam pelo samba, frevo, coco e ijexá. Nesta quinta-feira, às 20h, Bruna leva o espetáculo ao palco do Blue Note Rio.

O show também dá nome ao sétimo álbum da artista, lançado em abril de 2023 pela Coffee Music. O disco reúne 10 faixas do repertório de Gonzaguinha, incluindo raridades como "Viver Amar Valeu" e "Eu Nem Ligo", e conta com participações de Zeca Baleiro, Leila Pinheiro, Preta Ferreira, Zé Renato, Renato Braz e Nanan Gonzaga. "Precisava trazer muitos outros apaixonados por essa obra que, assim como me marcou, influenciou muitos outros artistas", explica a artista.

No palco, além das faixas do álbum, a cantora ainda interpreta canções marcantes como "Moleque" e "Lindo Lago do Amor", entre relatos sobre a vida e trajetória de Gonzaguinha, compartilhados



Cantora e compositora, Bruna Caram mergulha na obra de Gonzaguinha em show que chega ao Rio nesta quinta

por Nanan durante as gravações. Para construir o espetáculo, Bruna também se aprofundou nas danças brasileiras sob orientação da bailarina e diretora de movimento Leticia Doretto, trazendo um toque ainda mais visceral à apresentação.

Filho de Luiz Gonzaga, o Rei do baião, Gonzaguinha foi um dos principais compositores e cantores brasileiros, se notabilizando por sua obra de forte conteúdo social e político. Sua música se tornou um veículo de resistência durante a ditadura militar, abordando temas como desigualdade, opressão e a luta pela liberdade. Sua obra transita por diversos gêneros da música brasileira, como samba, MPB e bossa nova, mas sempre com uma abordagem inovadora e engajada. Gonzaguinha utilizou sua arte como uma ferramenta para conscientizar e mobilizar a população, promovendo a educação e a luta pela liberdade.

Cantora, compositora, atriz e escritora, Bruna nasceu em Avaré (SP) e cresceu em um ambiente musical, influenciada pelo avô, o

bandoneonista Lázaro Mucci, e pela tradição do choro e da música brasileira em sua família. Formada em Música pela Unesp, lançou seu primeiro álbum, "Essa Menina" (2006) e desde então vem construindo uma carreira marcada pela fusão de MPB, samba e jazz, além de um timbre de voz suave e expressivo.

Ao longo dos anos, Bruna consolidou sua discografia com trabalhos como "Feriado Pessoal" (2009) e "Multialma" (2019), explorando diferentes sonoridades e estabelecendo parcerias com artistas como Zeca Baleiro, Chico César e Roberta Sá. Além da música, atua como preparadora vocal, palestrante e escritora, tendo publicado o livro "Pequena Poesia Passional".

SERVIÇO

AFETO E LUTA - BRUNA CARAM CANTA GONZAGUINHA

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana)
27/3, às 20h
Ingressos a partir de R\$ 60

'A crueldade das elites hoje parece a colonização de antes'

Artista consciente de seu lugar no mundo, Chico César dá sequência à turnê de 30 anos de 'Aos Vivos', seu primeiro álbum

Por Nadine Nascimento (Folhapress)

José de Holanda/Divulgação

Para o paraibano Chico César, literatura e música sempre dividiram o mesmo espaço, como dois itens essenciais presentes na mesma cesta básica. Com apenas oito anos, ele já trabalhava na loja de discos e de livros Lunik, na Paraíba, como vendedor. Enquanto vendia, ouvia Milton Nascimento, Gilberto Gil, Luiz Gonzaga e Jorge Ben Jor. Mas também lia "Menino de Engenho", de José Lins do Rêgo, "O Menino do Dedo Verde", de Maurice Druon, ou coletâneas de contos da editora Ática.

É esse encontro de linguagens que fizeram de Chico César um "cantautor", como se define, um artista que compõe e interpreta as próprias músicas. Há 30 anos, com seu primeiro álbum, "Aos Vivos", o artista apresentava essa faceta para o Brasil, e foi exitoso.

"Ninguém acreditava que um disco de um autor lançado naquele momento, voz e violão, ao vivo, solo, funcionaria mercadologicamente. Mas o mercado da música pode nos surpreender. Felizmente", afirma o cantor.

O artista agora faz um "mergulho radical" no disco na turnê que estreou no Circo Voador e agora chega a São Paulo. Na turnê ele se apresenta junto ao grupo Nova Orquestra, regida por Ludhymila Bruzzi.

"Aos Vivos" abriga dois dos maiores sucessos da carreira de Chico César, "À Primeira Vista" e "Mama África", canções marcadas pela criação ou jogo de palavras característicos da sua obra. O refrão de "À Primeira Vista", por exemplo, diz "amarrara dzaia soiê/dzaia dzaia/ aí iii iinga dunrã". "Mama África", por sua vez, afirma que "deve ser legal/ ser negão no Senegal".

"Acho o uso da palavra na música popular brasileira muito sofisticado, e isso me influencia muito. Tenho um certo zelo, um carinho com a palavra. E fui percebendo que esse jogo de palavras, daquelas que existiam com as que



Chico César diz que não se sente um apoiador do MST, mas parte dele: 'Sou o cara que ocupa um outro lugar, de visibilidade, mas, sempre que o MST me chamar, eu estou pronto, eu vou'

eu ia inventando, é muito presente na literatura brasileira também."

Como exemplo, o artista lembra Guimarães Rosa -escritor mineiro marcado pela linguagem singular de suas obras- que começa "Grande Sertão: Veredas" com a palavra "nonada", um neologismo para "não, não é nada".

"Depois, artistas africanos me explicaram que o nome que dão para isso é iogurte, como o laticínio mesmo, um processo de transfor-

mação da palavra", conta.

Num outro trecho da canção "À Primeira Vista", Chico César diz "quando ouvi Salif Keita, dancei". O músico do Mali é uma das maiores influências do artista, assim como o nigeriano Fela Kuti, o senegalês Youssou N'Dour e o congolês Ray Lema. Foi ouvindo eles, mas também os brasileiros Gilberto Gil, Jorge Ben Jor, Naná Vasconcelos, Milton Nascimento, Luiz Melodia e Itamar Assump-

ção, que ele compreendeu o seu lugar na diáspora negra.

"Quando saí do sertão da Paraíba para João Pessoa, me senti mais sertanejo. Porque o outro é que faz você ver como você é diferente, né? Quando cheguei em São Paulo, me senti mais preto e mais nordestino, porque as pessoas me viam assim. E essa coisa me aproximou ainda mais da música africana também", afirma Chico César.

Essa busca levou o artista a conhecer inúmeros países africanos e até a fazer uma parceria com Salif Keita em "SobreHumano", música do álbum "Vestido de Amor", de 2022. O cantor também conheceu o Senegal de "Mama África" para uma apresentação, visita que o fez repensar a letra da canção.

"As elites africanas, assim como as da América Latina, assumem um ar de conformidade com a atitude predatória do imperialismo europeu", afirma. "A crueldade está no mesmo patamar, pois praticamente escravizam seus pares, seus irmãos, que estão em condições precárias de vida, de trabalho. Isso acendeu uma crítica em mim e passei a cantar menos 'deve ser legal ser negão no Senegal'".

O cantor nunca escondeu sua posição política e o fato de ser uma pessoa de esquerda alinhada aos movimentos sociais, especialmente ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST. "Sou filho de um trabalhador rural sem terra, que trabalhava de meeiro em terra alheia, e de uma mulher também camponesa, lavadora de roupa. Sou preto, nascido num estado periférico, numa cidade periférica, na zona rural dessa cidade periférica, que é Catolé do Rocha. Meu irmão foi preso pela ditadura. Eu só poderia fazer uma música cidadã."

Na canção "Reis do Agronegócio", do disco "Estado de Poesia", de dez anos atrás, faz crítica firme aos que chama de "produtores de alimentos com veneno" e "cínicos". "Não me sinto apoiando o MST. Me sinto parte dele. Só que eu não sou o cara que está lá o tempo todo debaixo da lona preta. Sou o cara que ocupa um outro lugar, de visibilidade, mas, sempre que o MST me chamar, eu estou pronto, eu vou."

A respeito do cenário de expansão da extrema direita no Brasil e no mundo, Chico César responsabiliza os conglomerados de tecnologia. "Tínhamos a ilusão de que, com a internet, nós íamos conseguir nos comunicar com muito mais liberdade do que antes, quando a comunicação era dominada, vamos dizer, por sete famílias no Brasil." Para ele, no entanto, essa previsão não se concretizou. "Da forma como as redes sociais se estruturaram hoje, estão aí mais para bitolar do que para libertar."



Veja os principais destaques deste segundo dia do Festival de Curitiba

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

O 33º Festival de Curitiba, realizado de 24 de março a 6 de abril de 2025, é sucesso absoluto. A programação cobre todas as artes performáticas, espetáculos de rua, palco italiano, monólogos, musicais, clássicos, alternativo. É a diversidade do que se vê em todos os 70 espaços. A procura que faz com que os ingressos estejam esgotados; as filas de entrada; o grupo dos sem ingresso. São mais de 350 atrações distribuídas em 70 espaços da capital paranaense e região metropolitana, com a previsão de platéia de mais de 200 mil espectadores.

A Mostra Lúcia Camargo é a principal curadoria do Festival de Curitiba, apresentando espetáculos de grande relevância nacional e internacional. A mostra reúne montagens consagradas e inéditas, trazendo produções teatrais de alto nível, com a presença de grupos locais, artistas consagrados e novas formas de arte.

A apresentação de “Prima Facie” no Teatro Guaíra, nesta terça-feira (25), foi histórica com os 2.700 ingressos esgotados e presença maciça do mundo jurídico. Promotoras, notadamente, estudantes de direito, advogados assistiram em total silêncio o monólogo em que Débora Falabella se consagra como a maior atriz de sua geração. Foram 10 minutos de aplausos ininter-



Débora Falabella é aplaudida de pé por vários minutos após a apresentação de 'Prima Facie' no Teatro Guaíra

Consagração, homenagem e experimentos



Humberto Araujo/Divulgação

'Cabaré Haikai', uma homenagem ao inesquecível Paulo Leminski

tos, com a platéia impactada de pé.

Outro destaque é o espetáculo “Cabaré Haikai”, uma homenagem à obra multifacetada de Paulo Leminski, o grande poeta curitibano que completaria 80 anos em 2024. Com direção de Roddrigo Fôrno, a peça explora as diversas expressões artísticas de Leminski, incluindo poesia, literatura e música. No palco, os talentosos atores Ane Adade, Michele Bittencourt, Renata Bruel e Kauê Persona con-

tam, declamam, cantam e dançam, juntamente com músicos, trazendo à cena a essência experimental, inquietada e criativa de Leminski.

A dramaturgia, assinada por Estrela Leminski, Edu Ramos e Roddrigo Fôrno, baseia-se em obras como “Ensaio e Anseios Crípticos”, “Gozo Fabuloso”, “Songbook”, “Catatau” e “Toda Poesia”. Paulo Leminski, além de poeta e escritor, destacou-se como compositor, criando mais de 100 canções.



Maringas Maciel/Divulgação

'No Estoy Solo', espetáculo performático do argentino Iván Haidar

Suas músicas foram interpretadas por artistas como Caetano Veloso, Ney Matogrosso e Itamar Assumpção, pois explorava fusão entre poesia e música, refletindo sua versatilidade artística, ao mesclar lirismo e crítica social

“No Estoy Solo”, apresentado na Caixa Cultural, é um espetáculo performático do argentino Iván Haidari. Integrando o Eixo Latino da Mostra Lucia Camargo, que destaca produções da Ar-

gentina e Uruguai. Iván Haidar é performer, coreógrafo e diretor argentino nascido em La Plata com trabalho que explora a interseção entre dança e artes visuais, investigando a relação do corpo com diversos elementos e contextos.

Entre suas obras destacam-se “Otra linea”, apresentada em festivais como Citemor (Coimbra, Portugal) e Corpos Poéticos (Curitiba, Brasil), e “Como las cosas llegaron aquí”, que participou do FIDCU (Montevideu, Uruguai) e Porto Alegre em Cena (Porto Alegre, Brasil). Esta última foi nomeada como uma das sete melhores obras do mundo pelo prêmio Rose do Sandler's Wells, em Londres.

Em 2023, Haidar apresentou “No estoy solo”, uma performance que funde dança e artes visuais, refletindo sobre a solidão e a influência da tecnologia no corpo humano. A obra, reconhecida pelo Festival Internacional de Buenos Aires (FIBA) por sua abordagem inovadora, é teatro de sombras na essência, mas a precisão da técnica de projeção, o movimento corporal de Ivam, o jogo de luzes tornam “No Estoy Solo” um espetáculo marcante.

Cada peça da trilogia criada por Iván investiga como a tecnologia e a virtualidade influenciam a percepção do corpo e da identidade, desafiando as fronteiras entre o real e o digital. Assim evidencia a duplicação do corpo e a relação entre o corpo virtual e o real em três performances que exploram a relação entre o corpo físico e suas representações virtuais.